

Mergulhando na própria dor

Como Joan Didion utilizou a investigação dos pormenores da morte do marido para sobreviver ao luto

Livro: *O ano do pensamento mágico* / Joan Didion; tradução Marina Vargas. — Duque de Caxias, RJ: HarperCollins Brasil, 2021.

Em *O ano do pensamento mágico* (2005), a jornalista e escritora norte-americana Joan Didion mergulha dentro dos detalhes da própria experiência traumática — a morte rápida e repentina do marido John Geggory Dunne, em busca de algum tipo de compreensão ou sentido. Considerada uma das precursoras do chamado “novo jornalismo”, que dá espaço ao jornalismo literário, Didion trabalhou por mais de dez anos na revista *Vogue* e recebeu o National Medal of Arts and Humanities do ex-presidente dos Estados Unidos Barack Obama em 2013. Com *O ano do pensamento mágico*, ela foi premiada, em 2005, com o National Book Award.

Este livro de Didion aborda, com uma linguagem excepcionalmente simples e leve, o tema da morte de pessoas amadas, com foco para a experiência vivida por ela própria com o seu marido, que morreu de um ataque cardíaco em uma noite qualquer em que o casal jantava e conversava em casa, em 2003. Enquanto isso, a filha de Joan e de John, Quintana, estava hospitalizada na UTI, passando por graves complicações de saúde que se estenderam pelos meses seguintes após o falecimento do pai.

Cerca de um ano depois, Didion escreve sobre os detalhes de sua experiência de luto a partir da morte de John, expondo como, no ano que se seguiu, ela se dedicou a uma espécie de “investigação” do falecimento do parceiro como uma forma de “controlar” a situação. “Informação é controle”, a autora foi ensinada desde criança. Assim, ela passou a buscar bibliografias especializadas, fazer perguntas a diversas pessoas, retornar a livros que já conhecia e retomar lembranças do marido, tudo o que pudesse explicar qualquer minúcia que cercasse a morte de John. Quais foram as anotações dos seguranças do prédio em que moravam naquela noite? A que horas John, de fato, morreu? O que os socorristas estavam pensando enquanto o ajudavam? John sabia que iria morrer e por isso deixou a esposa utilizar uma anotação sua para um livro? Uma série de questionamentos desse tipo foram realizados e descritos por Didion na obra.

A autora, em outros momentos, também investiga sobre a própria sensação de luto e seus diferentes tipos, buscando entender — e controlar — o que ela mesma estava passando.

Em diversas situações a jornalista expõe a variedade de pensamentos irracionais que a tomaram após a morte do marido, como não querer se livrar dos sapatos de John, uma vez que ele precisaria deles “quando voltasse”.

É nesse ritmo que Didion, desenvolvendo suas ideias pouco a pouco, com calma e delicadeza, nos faz submergir em uma investigação difícil, mas deslumbrante do luto, da irracionalidade e da morte, por mais comum e inevitável que ela seja. Mesmo tratando de um tema tão pesado, a autora consegue expor os fatos de maneira leve e fluida, com reflexões tão humanas e universais que chega a ser impossível não se identificar.

A jornalista mistura seus relatos pessoais com trechos de estudos médicos e livros sobre o assunto, o que traz um forte caráter jornalístico para a obra, mostrando dados e pesquisas curiosos sobre um tema de carga extremamente humana e, por vezes, indigesta. Destacam-se os estudos de Eric Lindemann, citados por Didion, que explicam sobre determinadas “ondas” de angústia das quais praticamente todas as pessoas em luto experimentam; e os de Melanie Klein, que discutem sobre a estranheza do fato de a maioria das pessoas não enxergarem o luto como uma doença.

Joan Didion também intercala a história com fragmentos de poemas ou literaturas que se encaixam com o assunto e que passaram pela mente da escritora enquanto ela vivia o luto, mesclando os dados e relatos com atributos literários. Os dados e as pesquisas que a autora traz também elucidam e fornecem fatos interessantes sobre o tema, os quais podem ser relacionados com o depoimento, que passa a ser compreendido em maior profundidade. Dessa forma, com *O ano do pensamento mágico*, o leitor recebe um relato forte, simples e direto, mas ainda sim muito sensível, o que proporciona uma leitura fascinante, da qual é impossível sair ileso.